



 **IBGE**

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

família

ameaçada de extermínio

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado do Planejamento e Orçamento
Antonio Kandir

**INSTITUTO BRASILEIRO
DE GEOGRAFIA
E ESTATÍSTICA - IBGE**

Presidente
Simon Schwartzman

Diretor de Planejamento e Coordenação
Nuno Duarte da Costa Bittencourt

ÓRGÃOS TÉCNICOS SETORIAIS

Diretoria de Pesquisas
Lenildo Fernandes Silva

Diretoria de Geociências
Trento Natali Filho

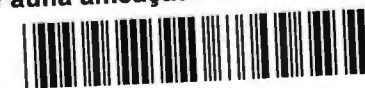
Diretoria de Informática
Fernando Elyas Nóbrega Nasser

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
David Wu Tai

Ministério do Planejamento e Orçamento
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE



Fauna ameaçada de



1783/97

IBGE - DIBIS

Rio de Janeiro
1997

CAPA - Maria José Salles Monteiro - CDDI/DVIC

Fauna ameaçada de extermínio / Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. - Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

P.: II.

ISBN 85-240-0640-4

1. Vida selvagem - Conservação. 2. Conservação da natureza - Brasil. 3. Animais raros - Brasil. 4. Espécies em extinção. I. IBGE.

IBGE. CDDI. Divisão de Biblioteca e Acervos Especiais
RJ/IBGE - 97/06

502.7
ECOL

O equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação do meio ambiente é a grande preocupação mundial deste fim de século.

O IBGE, como órgão oficial de estatística e de geociências, vem desenvolvendo estudos sobre os recursos naturais e o meio ambiente, entre os quais destacamos o mapa mural da fauna ameaçada de extermínio.

Este livro inaugura uma nova linha de produtos ecológicos do IBGE, voltados para nossas crianças e adolescentes. Nesse trabalho, contamos com o apoio da Petrobras, que gentilmente nos cedeu os direitos de uso das ilustrações dos seus cartazes ecológicos e do Ibama, responsável pela lista oficial da nossa fauna ameaçada.

Mostrar a beleza da fauna brasileira e apontar os riscos que ela está correndo, dá-nos a esperança de incentivar o estabelecimento de um pacto nacional em defesa da Natureza.

Simon Schwartzman
Presidente do IBGE



apresentação

	<u>arara-azul</u>	7
9	<u>arara-azul-de-lear</u>	
	<u>ararajuba</u>	11
13	<u>ararinha-azul</u>	
	<u>ariranha</u>	15
17	<u>gavião-real</u>	
	<u>guará</u>	19
21	<u>jaguatirica</u>	
	<u>lagartixa-da-areia</u>	23
25	<u>lobo-guará</u>	
	<u>mico-leão-dourado</u>	27
29	<u>muriqui</u>	
	<u>onça-pintada</u>	31
33	<u>papagaio-charão</u>	

	<u>papagaio-de-cara-roxa</u>	35
37	<u>pica-pau-de-cara-amarela</u>	
	<u>pica-pau-de-coleira</u>	39
41	<u>pintor-verdadeiro</u>	
	<u>tamanduá-bandeira</u>	43
45	<u>tartaruga-de-couro</u>	
	<u>tartaruga-de-pente</u>	47
49	<u>tartaruga-verde</u>	
	<u>tatu-canastra</u>	51
53	<u>uacari-vermelho</u>	
	<u>veado-campeiro</u>	55
57	<u>mapa da fauna</u>	
	<u>bibliografia</u>	59
61	<u>reserva ecológica</u>	





A arara-azul
é a maior
de todas
as araras.



ARARA-AZUL

Anodorhynchus hyacinthinus
(Latham, 1790)

É a maior arara do mundo. Habita os buritizais, as matas das margens dos rios e os cerrados. Constrói seus ninhos em troncos ocos. No passado foi muito perseguida porque roía os brotos da bocaiúva e assustava o gado. A cor de suas penas de tão azuis parecem negras. Os índios a chamam de araraúna que, no tupi, significa arara-preta. O comércio ilegal e o desmatamento são seus inimigos e, se persistirem, ela poderá ter o mesmo destino da arara-cinza-azulada, já considerada extinta.





Esta arara
é uma
raridade
brasileira.



ARARA-AZUL-DE-LEAR

Anodorhynchus leari
Bonaparte, 1856

Vive em costões rochosos (*canyons*) e na vegetação típica da caatinga, no nordeste da Bahia. Atinge uns 70 centímetros de comprimento. Come os cocos de licuri e cata mesmo aqueles caídos no chão.

Seu estado vital requer cuidados pois sua existência depende da proteção das duas únicas populações existentes no mundo, que estão situadas no Brasil.

Uma das populações está, em parte, dentro de uma Estação Ecológica localizada no Raso da Catarina (BA).

Um outro grupo de 22 dessas araras foi visto a cerca de 100 quilômetros do grupo já conhecido, também na Bahia.





ARARAJUBA

Aratinga guarouba
(Gmelin, 1877)



As penas da ararajuba têm as cores da bandeira do Brasil.

Seu outro nome popular, guaruba, vem do tupi (*guará* = pássaro, *yuba* = amarelo).

A ararajuba foi indicada para símbolo nacional pela beleza e cores de suas penas que correspondem ao verde e amarelo da Bandeira Nacional.

É abundante ao norte do Brasil, do Maranhão até Rondônia.

Mede, mais ou menos, 30 centímetros e tem um temperamento amigável.

Alimentam-se de frutas, especialmente de cocos do palmitreiro conhecido como juçara. Parte de sua população encontra-se protegida no

Parque Nacional do Tapajós, no Pará.



O comércio ilegal
dos filhotes
é o maior risco.



ARARINHA-AZUL

Cyanopsitta spixii
(Wagler, 1832)

Esta arara chega a cerca de 57 centímetros e entre as quatro espécies de araras-azuis do Brasil é a menor e a de cor mais clara. A ararinha só ocorre no nordeste do Brasil: ao norte da Bahia e ao sul do Piauí e do Maranhão.

Fazem seus ninhos nas palmeiras de buritis e comem seu fruto amarelo. É possível a criação e reprodução em cativeiro.

A maior ameaça para a espécie reside no comércio clandestino. A maioria morre durante o transporte (principalmente para o exterior).





Ameaçada
pela poluição
dos rios.



ARIRANHA
Pteronura brasiliensis
(Gmelin, 1788)

Barulhenta e curiosa, ela já foi comum em todos os grandes rios do Brasil. Pode chegar a 1,80 metro de comprimento. A cauda e as patas são especialmente adaptadas para natação. Esta espécie diurna é capaz de permanecer muito tempo sob a água onde obtém peixes e outros alimentos. Na fase reprodutiva constrói tocas nos barrancos dos rios. Os filhotes, quase sempre dois ou três por parto, são mantidos junto à mãe por três meses. Após esse tempo já são considerados capazes de sobreviver por conta própria. Sua bela pelagem escura sempre foi cobiçada pelos caçadores.



Cobiçado
pelos caçadores
por sua imponência
e majestade.



GAVIÃO-REAL

Harpia harpyja
(Linnaeus, 1758)



Ave de rapina, é veloz, forte e de grande destreza. Caça mamíferos, aves e répteis que ingere aos pedaços. Vive em diversos ambientes longe das áreas muito habitadas, mas, se a comida escasseia, captura também animais domésticos.

Constrói o ninho onde possa observar tudo à sua volta e ocultar os filhotes. O macho mede cerca de 50 centímetros de altura enquanto a fêmea chega a 90.

Suas asas abertas podem medir dois metros de envergadura. Tem sido visto na Amazônia, mas no sudeste e sul do País é raro. Fora do território brasileiro é considerado em baixo risco de ameaça.



Sua bela plumagem vermelha agora é rara em nossos manguezais.



GUARÁ

Eudocimus ruber
(Linnaeus, 1758)

Ave típica dos manguezais que freqüentava o litoral brasileiro do Amapá até Santa Catarina. Algumas vezes aparece em áreas do interior do continente. Tem por hábito caminhar durante o dia, abrindo e fechando rapidamente o bico, que mantém mergulhado em águas rasas, em busca do caranguejo chama-maré, seu alimento mais apreciado. Voam em bandos e formam seus ninhos na vegetação densa do mangue. Alcançam em torno de 58 centímetros de comprimento.



Muitas são
eliminadas
para utilização
apenas da pele.



JAGUATIRICA

Felis pardalis
(Linnaeus, 1756)

É o maior gato-do-mato existente, medindo até 1,40 metro de comprimento.

Consome aves, mamíferos, répteis e peixes. Macho e fêmea andam juntos e refugiam-se, durante o dia, em troncos ocos, grutas e em árvores onde sobem com grande agilidade.

A gestação varia entre 70 e 80 dias, quando nascem em média três filhotes.

No Brasil aparece em todos os ambientes, da floresta Amazônica até os pampas no Rio Grande do Sul. A repressão à caça ilegal no pantanal e nas fronteiras amazônicas é uma medida urgente para sua proteção.





Seu habitat está sendo destruído pelo crescimento urbano.



LAGARTIXA-DA-AREIA

Liolaemus lutzae
Mertens, 1938



Esta espécie é exclusiva da vegetação pioneira das praias entre a Restinga de Marambaia e Cabo Frio e alimenta-se de insetos e plantas que só existem nesta área. É bioindicadora, isto é, onde ela está presente, o ambiente encontra-se limpo e sem poluição. De setembro a março, quando se reproduz, deixa de um a quatro ovos depositados em buracos na areia e é justamente nesta época que as praias têm mais visitantes. Protege-se de predadores como o caranguejo, a maria-farinha, o anu-branco e a coruja-buraqueira. A ocupação das orlas marinhas a deixa muito vulnerável pois destrói seu habitat.



Ele não é um lobo mau, mas esta má fama é mais uma ameaça.

Protegido na Reserva Ecológica do IBGE no Roncador - Distrito Federal.



LOBO-GUARÁ

Chrysocyon brachyurus
(Illiger, 1811)

No passado, os exemplares desta espécie podiam ser vistos com frequência.

Seu habitat preferido são os cerrados de vegetação densa.

Sempre solitários e arredios, caminham à noite e ao crepúsculo.

Sua alimentação baseia-se em frutas e animais de pequeno porte, principalmente aves.

As fêmeas geram de dois a quatro filhotes de pêlo escuro que, após o terceiro mês de vida, vai ficando avermelhado.





Campanhas no mundo todo lutam por sua preservação.



MICO-LEÃO-DOURADO

Leontopithecus rosalia
(Linnaeus, 1766)

Natural da Mata Atlântica, habita as florestas das baixadas costeiras do Rio de Janeiro. Vivem nas copas das árvores e comem frutos, néctar, flores e catam insetos. Andam sempre em pequenos bandos isolados. São curiosos, ariscos e brigões e se reproduzem uma vez por ano. O desmatamento, a caça e a comercialização contribuem para a redução dessa espécie. Na Reserva Biológica de Poço das Antas, no Rio de Janeiro, há alguns grupos protegidos. Muitas pesquisas estão em andamento para assegurar sua sobrevivência.





Ameaçado
pela destruição
do habitat
e pela caça.



MURIQUI

Achyrotes arachnoides

(E. Geoffroy, 1806)



Este macaco, também chamado de mono-carvoeiro, é raro. Vive em grupos variáveis, de doze a dezessete indivíduos. Durante o dia é mais ativo e sua dieta alimentar é composta de folhas de espécies vegetais exclusivas da Mata Atlântica. Sua sobrevivência depende da regeneração de áreas degradadas e da preservação das florestas remanescentes no Brasil. As populações existentes, em sua maioria, estão restritas às Unidades de Conservação.



ONÇA-PINTADA

Phantera onca
(Linnaeus, 1758)



É o
maior
felino das
Américas.

É um felino de grande porte, que mede em torno de 2,50 metros de comprimento e pesa mais de 100 quilos. O pêlo pode ser amarelado ou escuro, quase preto, e sobre ele há rosetas e pontos escuros (mais numerosos na onça chamada de canguçu).

Demarca grandes territórios em áreas de matas fechadas, sombrias, próximas de rios onde vive geralmente só.

Gera de um a quatro filhotes após 100 dias de gestação. Nadam e pescam com destreza e comem mamíferos, aves, répteis e peixes diversos.

Há três subespécies no Brasil.



PAPAGAIO-CHARÃO

Amazona pretrei
(Temminck, 1830)



As florestas de araucárias são seu único abrigo.

Este papagaio pequeno e multicolorido tem sua ocorrência associada às florestas de pinheiros-do-paraná, e usa as sementes de seus frutos como alimento. Come também as sementes do pinho-bravo. Distribui-se da Argentina até São Paulo e tem o curioso hábito de, no outono, formar grandes bandos barulhentos e agitados. Nos outros meses, os casais vivem isolados.

A atividade da espécie é diurna, intensificando-se ao crepúsculo. Sua área de ocorrência está inserida, em parte, na Estação Ecológica de Aracuri-Esmeralda, no Estado do Rio Grande do Sul.

O papagaio-de-cara-roxa
é o mais ameaçado
dos papagaios
do Brasil.



PAPAGAIO-DE-CARA-ROXA

Amazona brasiliensis
(Linnaeus, 1758)



As informações mais recentes sobre esta espécie mostram que está restrita às matas litorâneas remanescentes no sudeste e sul do Brasil. Constrói seus ninhos em árvores de ilhas florestadas como as da baía de Paranaguá, no Paraná. Mede cerca de 36 centímetros e pouco se sabe sobre seus hábitos. Na década de 80 sua imagem foi usada para ilustrar selos. Hoje em dia, é, provavelmente, a espécie de papagaio mais ameaçada do Brasil.



Considerado
espécie rara
desde o
Século XIX.



PICA-PAU-DE-CARA-AMARELA

Dryocopus galeatus
(Temminck, 1822)

Espécie ameaçada de extinção,
muito rara, que teve
seus últimos registros para o Brasil
assinalados na década de 40,
em Santa Catarina, e
na de 50, no Paraná.

Vive nas matas das regiões
serranas e das baixadas
onde encontra, nas árvores,
os insetos de que se alimenta.
Cresce até os 29 centímetros
de comprimento.

Sua antiga distribuição geográfica
ia de São Paulo até
o Rio Grande do Sul.





PICA-PAU-DE-COLEIRA

Celeus torquatus tinnunculus
(Wagler, 1829)



O habitat deste pica-pau, de cerca de 27 centímetros, é a mata alta nas florestas costeiras do sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Há pouco tempo sua presença foi confirmada na Estação Veracruz (Bahia), área importante para a preservação de espécies ameaçadas.

Este animal é raro e endêmico, isto é, não existe em nenhum outro lugar. É muito sensível às modificações do meio ambiente, provocadas pelo homem.

Quando isso acontece ele logo desaparece. Assim como outros membros da família, alimenta-se de insetos que encontra escavando os troncos das árvores.

Quando o homem interfere no ambiente ele desaparece.





PINTOR-VERDADEIRO

Tangara fastuosa
(Lesson, 1831)



Sua beleza
torna-se
uma
atração fatal.

Ave de cores muito belas, de mais ou menos 13 centímetros de comprimento. Conhecida no Brasil desde o Século XVII, quando um naturalista de nome Macgrave visitou nosso País e descreveu inúmeros representantes da nossa fauna e flora. As populações da espécie só existem no litoral de Pernambuco e Alagoas. Foram ao longo dos anos muito perseguidas pelos criadores de pássaros. Hoje elas estão em estado crítico devido à grande redução do número de indivíduos.

Está
vulnerável
e dificilmente
é visto.



Protegido na Reserva Ecológica do IBGE no Roncador - Distrito Federal.



TAMANDUÁ-BANDEIRA

Myrmecophaga tridactyla
(Linnaeus, 1758)

Os tamanduás não possuem dentes e usam as mãos e suas imensas unhas na destruição de cupinzeiros e formigueiros, onde colocam a fina e comprida língua viscosa, para capturar estes insetos. Vivem em campos cerrados e florestas úmidas, têm hábito diurno e são bons nadadores. Geram um único filhote que é carregado pela mãe às costas por muito tempo. Quando amedrontados, levantam-se sobre as patas traseiras e abrem os braços em postura de defesa.





TARTARUGA-DE-COURO

Dermochelys coriacea
(Linnaeus, 1758)



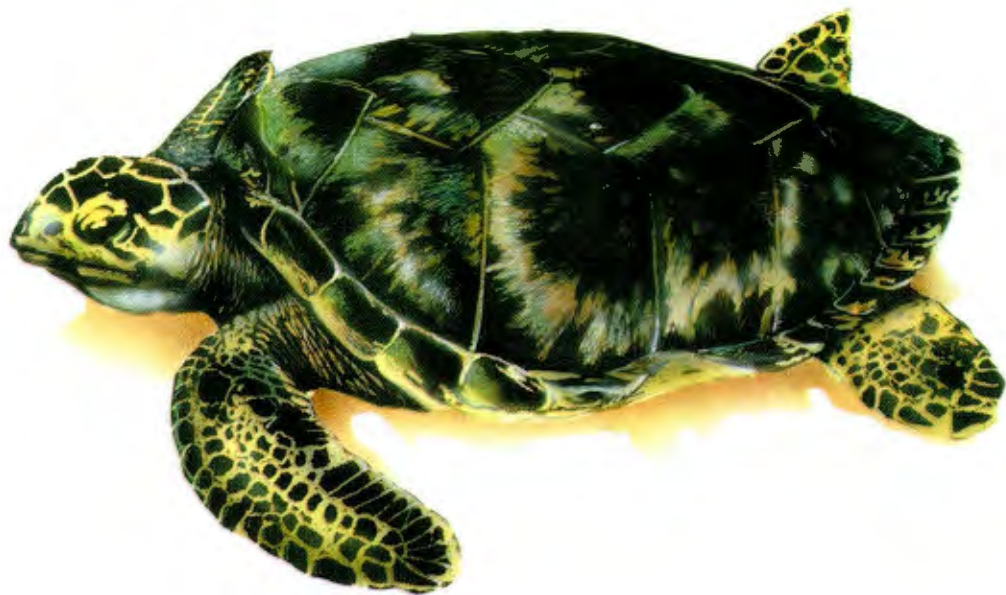
Protegendo
seus ovos,
podemos
salvá-la.

Entre os quelônios é o mais raro e maior, chegando a passar de 2,00 metros e pesar mais de meia tonelada. Dificilmente freqüentam águas rasas, a não ser a fêmea em período reprodutivo para desovar. Os exemplares adultos são abatidos para extração do casco usado para diversos fins, desde medicinais até a curtição de couro. Outra grande causa de ameaça está no consumo dos ovos que elas depositam na areia de praias tropicais. É bem diferente das outras tartarugas na hora de comer pois sua preferência é pelas águas-vivas.



TARTARUGA-DE-PENTE

Eretmochelis imbricata
(Linnaeus, 1766)



Capturada
para confecção
de bijuterias
e pentes.

É uma espécie marinha que desova em praias tropicais. Prefere os recifes de corais e costões rochosos, onde procura por algas, mas as esponjas e ouriços do fundo do mar são seu alimento predileto. É muito caçada para consumo da carne, dos ovos e para uso da carapaça na fabricação de utensílios. Sofre com a poluição marinha (derramamento de óleo, resíduos industriais, etc.). Vem recebendo proteção legal e suas áreas de desova no litoral brasileiro estão resguardadas.

Quando adulta, o casco atinge 1,10 metro e o peso, mais de 100 quilos.



As praias
de desova
têm que
ser preservadas.



TARTARUGA-VERDE

Chelonia mydas
(Linnaeus, 1758)

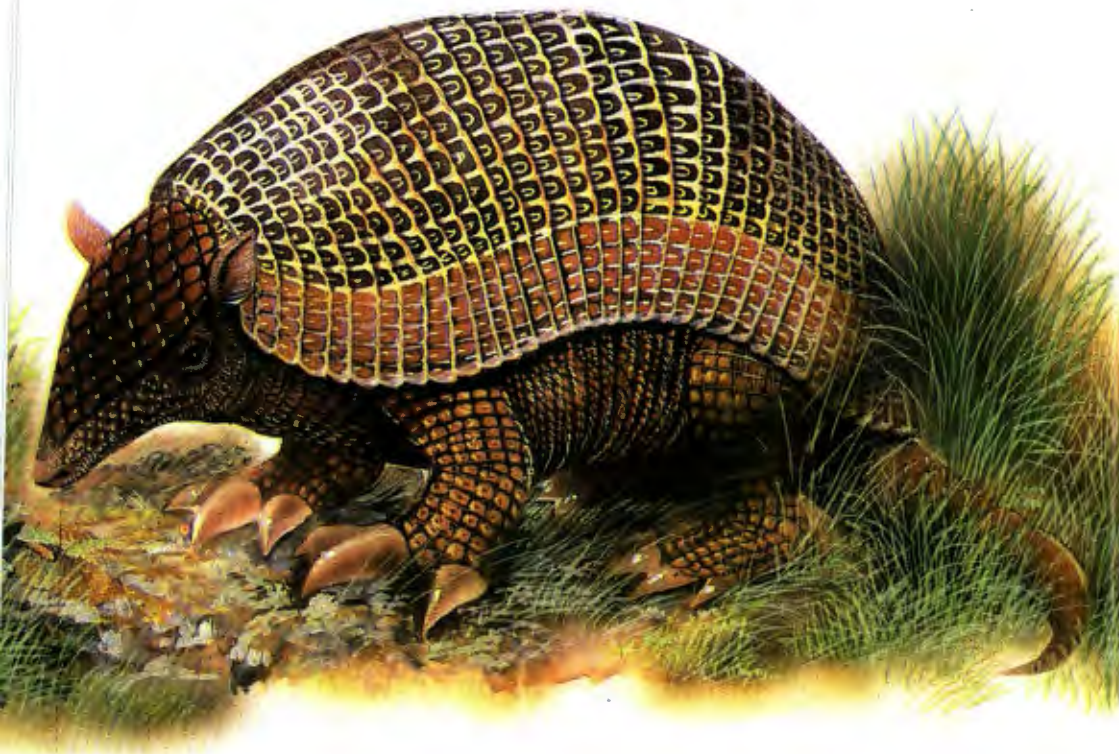
É uma tartaruga com mais de 1,50 metro, que migra para fins reprodutivos e alimentares. Desova em regiões tropicais e subtropicais com intervalos de dois a quatro anos entre as posturas.

Adulta chega a pesar mais de 90 quilos. Seu grande valor comercial tem sido a maior ameaça que enfrenta atualmente.

Seu regime alimentar baseia-se especialmente em algas e outros pequenos animais marinhos.



Antes comum
no país,
o tatu-canastra
agora é raro.



TATU-CANASTRA

Priodontes maximus
(Kerr, 1792)

Este animal de carapaça grossa e resistente tem hábitos noturnos, prefere os arredores das matas densas e frequenta também as formações de cerrados. Velozes, são a maior espécie de tatu existente no mundo, chegando a pesar mais de 50 quilos. São desdentados como os tamanduás, e usam suas unhas grandes para cavar a terra à cata de insetos, larvas e vermes. Figura entre as espécies em perigo pois é muito perseguido pelo homem.





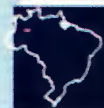
Só
sobrevive
em seu
habitat.



UACARI-VERMELHO

Cacajao calvus rubicundus
(l. Geoffroy & Deville, 1848)

Espécie raríssima que vive nas florestas de terra firme e inundadas ao norte da Amazônia. Alimenta-se de insetos, néctar, frutas e sementes que encontra nas copas das árvores. Pouco se sabe sobre seu comportamento. Todas as quatro subespécies de uacari ainda existentes estão ameaçadas pela caça e pela exploração madeireira. Não se habituam ao cativeiro e, quando capturados, morrem logo.





Em algumas
regiões do
Brasil já não
existe mais.



VEADO-CAMPEIRO

Ozotocerus bezoarticus
(Linnaeus, 1758)

Estes animais de porte elegante atingem aproximadamente 1,50 metro de comprimento. Habitam as áreas secas de vegetação aberta dos campos e cerrados. Na época das chuvas agrupam-se em pequenos bandos.

Durante o dia escondem-se e ao anoitecer saem para procurar os vegetais que consomem. A cada gestação apenas um filhote nasce, com o pêlo coberto de pequenas manchas brancas que somem na fase adulta. Sua presença está restrita às unidades de conservação e áreas pouco povoadas.

Protegido na Reserva Ecológica do IBGE no Roncador - Distrito Federal.



AVES

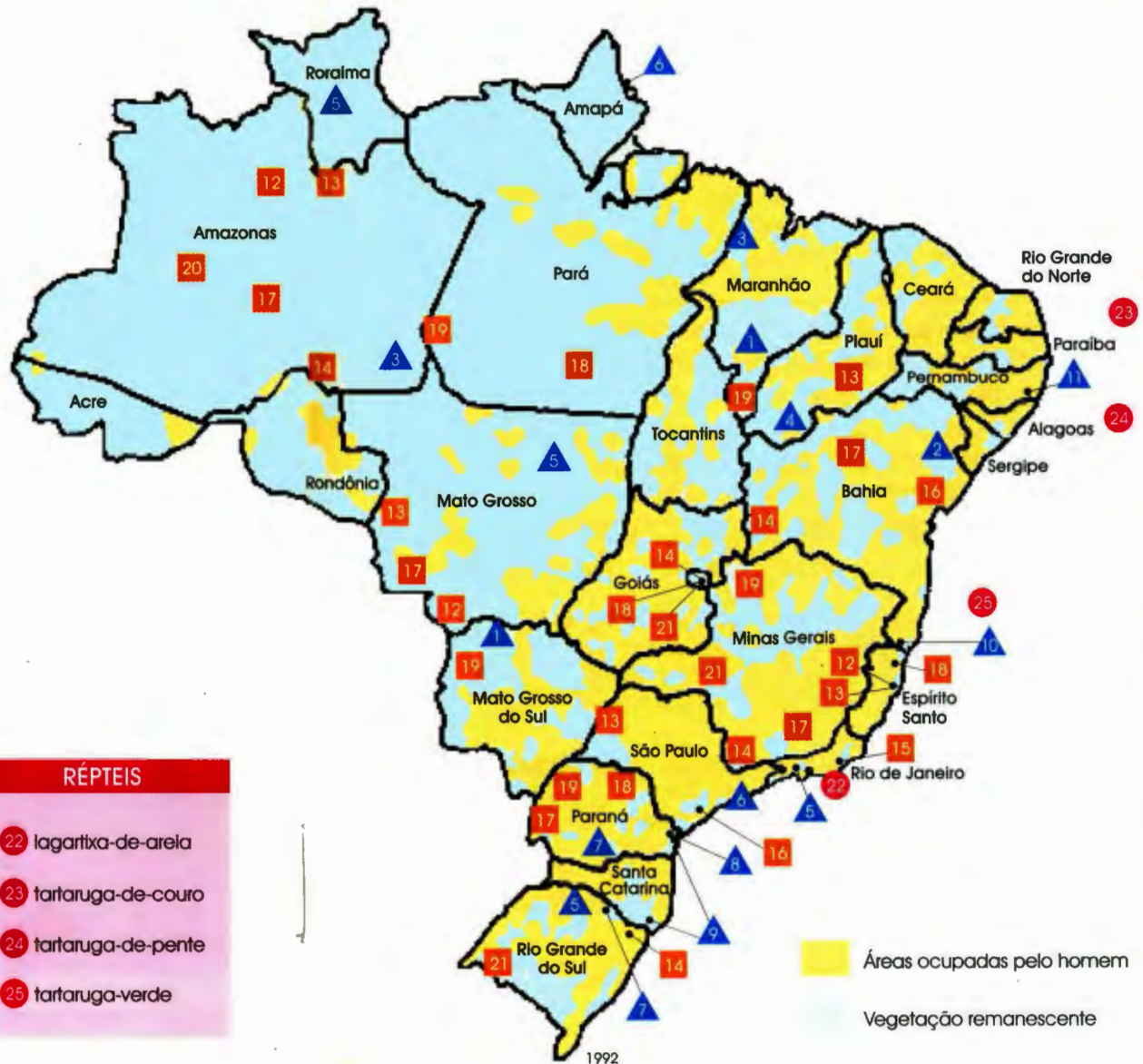
- 1 arara-azul
- 2 arara-azul-de-leoar
- 3 ararajuba
- 4 ararinha-azul
- 5 gavião-real
- 6 guará
- 7 papagalo-charão
- 8 papagalo-de-cara-roxa
- 9 pica-pau-de-cara-amarela
- 10 pica-pau-de-coleira
- 11 pintor-verdadeiro

MAMÍFEROS

- 12 ariranha
- 13 jaguatirica
- 14 lobo-guará
- 15 mico-leão-dourado
- 16 muriqui
- 17 onça-pintada
- 18 tamanduá-bandeira
- 19 tatu-canastra
- 20 uacari-vermelho
- 21 veado-campeiro

RÉPTEIS

- 22 lagartixa-de-areia
- 23 tartaruga-de-couro
- 24 tartaruga-de-pente
- 25 tartaruga-verde





Extermínio - processo de desaparecimento de uma ou mais espécies, induzido de forma direta ou indireta pela ação do homem.

Extinção - processo natural que leva ao desaparecimento de uma ou mais espécies.

O IBGE agradece a gentileza da comunicação de faltas ou omissões verificadas nesta obra.

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Rua General Canabarro, 706
20271-201 - Maracanã - Rio de Janeiro - RJ
Fax: (021)284-1109 - Tel.: (021)284-0402

AVES ameaçadas de extinção. [Rio de Janeiro]: PETROBRÁS, 1994. 1 cartaz.

CADASTRO da fauna de vertebrados da Amazônia Legal: Amphibia, Reptilia, Aves, Mammalia [arquivo de computador]. Rio de Janeiro: IBGE, 1981-1991.

CÂMARA, I. G. Boas notícias do Brasil. *A Lavoura*. Rio de Janeiro, v. 99, n. 620, p. 28, mar. 1997.

_____. *Plano de ação para a mata atlântica*. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica: Interação, 1995. 152 p.

FAUNA ameaçada de extermínio. Escala 1: 5.000.000. Rio de Janeiro: IBGE, 1992. Mapa mural.

FONSECA, G. A. B., RYLANDS, A. B., COSTA, C. M. R. *Livro vermelho dos mamíferos brasileiros ameaçados de extinção*. Belo Horizonte: Fundação BIODIVERSITAS, 1994. 459 p.

MAGALHÃES, N. W. *Conheça o pantanal*. São Paulo: Terragraf, 1992. 390 p.

MAMÍFEROS ameaçados de extinção. [Rio de Janeiro]: PETROBRÁS, 1994. 1 cartaz.

MANUAL técnico da vegetação brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. 92 p. (Manuais técnicos em geociências, n. 1).



PEIXES e quelônios do Brasil. [Rio de Janeiro]: PETROBRAS, 1994. 1 cartaz.

PSITACÍDEOS da América do Sul. [Rio de Janeiro]: PETROBRAS, 1994. 1 cartaz.

ROCHA, C. F. D. *A ecologia da lagartixa-da-areia (Liolaemus lutzae): uma espécie típica da fauna do Rio de Janeiro*: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, [1992?]. [12 p.].

_____. Growth of tropical sand lizard *Liolaemus lutzae* in southeastern Brazil, *Amphibia-Reptilia*, v. 26, p. 257-264, 1995.

_____. Reproductive and fat body cycles of the tropical sand lizard (*Liolaemus lutzae*) of southeastern Brazil. *Journal of Herpetology*, v. 26, n. 1, p. 17-23, 1992.

SICK, H. *Ornitologia brasileira: uma introdução*. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1986. 2 v.

TEIXEIRA, D. M. et al. *Animais vertebrados ameaçados de extinção presentes na Estação Veracruz*. Eunápolis, BA: Veracruz Florestal, 1995. 51 p.

The IUCN Amphibia - Reptilia red data book. Gland, Switzerland: International Union of Conservation of Nature and Natural Resouces: World Wildlife Fund, 1982. 426 p.

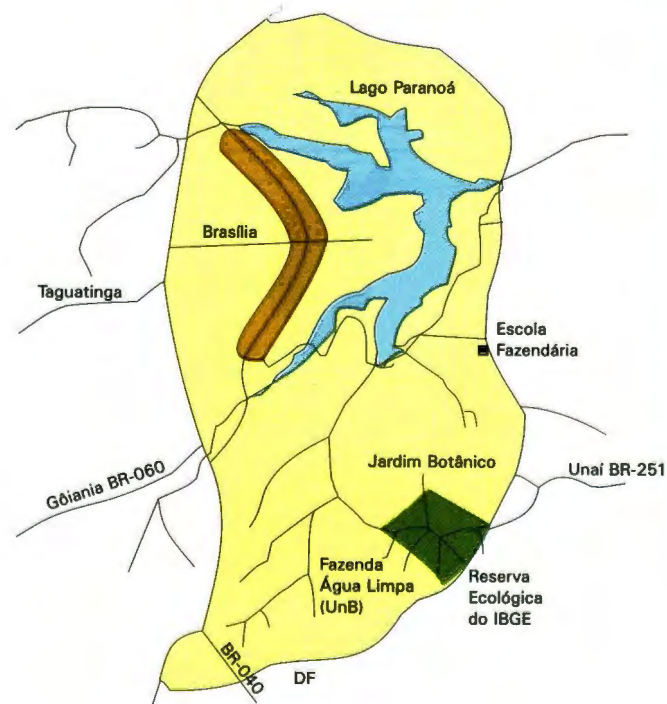
UNIDADES de conservação do Brasil. Brasília: IBAMA, 1989. 182 p. v. 1: Parques nacionais e reservas biológicas.



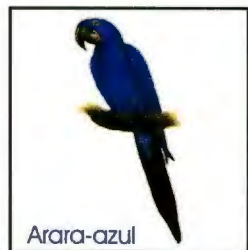
A Reserva Ecológica do IBGE, criada em 22 de dezembro de 1975, é uma das Unidades de Conservação Permanente do Bioma Cerrado.

Está situada a 35 quilômetros ao sul de Brasília. É parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Gama-cabeça-de-veado e uma das Áreas Núcleo da Reserva de Biosfera do Cerrado, criada recentemente pela UNESCO, no Distrito Federal.

A fauna da Reserva é muito diversificada, abrigando espécies raras e endêmicas como o macuquinho-de-brasília (*Scytalopus novacapitalis*), o pirá-brasília (*Cynolebias boitonei*) e alguns mamíferos ameaçados como o lobo-guará, o tamanduá-bandeira e o veado-campeiro.



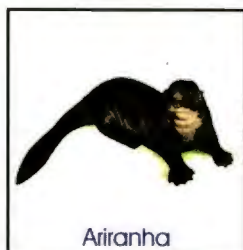
Adesivos da Fauna



Arara-azul



Ararajuba



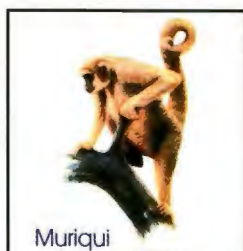
Ariaranha



Lobo-guará



Mico-leão-dourado



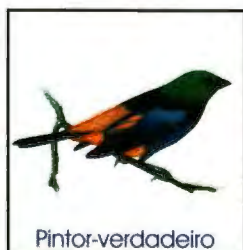
Muriqui



Onça-pintada



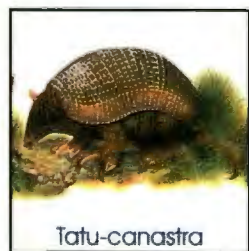
Pica-pau-de-coleira



Pintor-verdadeiro



Tartaruga-verde



Tatu-canastra



Veado-campeiro

Todas as espécies deste livro estão reproduzidas nos Adesivos da Fauna

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES - CDDI

EQUIPE EDITORIAL - Divisão de Criação/CDDI

Lecy Delfim - Redação

Maria José Salles Monteiro - Projeto Gráfico

Helga Szpiz - Arte-final

CONSULTORIA TÉCNICA

Elizabeth Kohnert Linhares - Bióloga do Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais da Diretoria de Geociências

COLABORAÇÃO EXTERNA

MUSEU NACIONAL/Departamento de Zoologia

Dante Martins Teixeira

Ulisses Caramaschi

Marcovan Porto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/Instituto de Biologia

Carlos F. D. da Rocha

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

Adelmar Coimbra Filho

PETROBRAS

Ilustrações dos cartazes ecológicos:

Murilo Martins (araras, ariaranha, jaguatirica, lobo-guará, onça e papagaio-de-cara-roxa)

Victor Wu (mico-leão-dourado, muriqui, tamanduá-bandeira, tartarugas, tatu-canastra, uacari-vermelho e veado-campeiro)

Murilo Martins e Inês Prado (ararajuba, gavião-real, guará, papagaio-charão, pica-pau-de-cara-amarela, pica-pau-de-coleira e pintor-verdadeiro)



fauna ameaçada de extermínio



Fauna ameaçada de extermínio mostra 25 animais da fauna brasileira, entre os muitos que estão ameaçados de extermínio no Brasil: seu habitat, seu alimento, suas cores e seus hábitos. Alguns deles estão nos Pins Ecológicos do IBGE. Com eles, nossas crianças poderão carregar lindos exemplares da fauna brasileira bem perto do coração. E da vida. Porque eles estão em perigo! O fogo que destrói o lugar onde moram; a substituição de suas florestas por campos agrícolas; a exploração desenfreada dos cerrados; a poluição das águas; a caça e a pesca que matam os filhotes; o crescimento desordenado das cidades. Estas são algumas das grandes ameaças que a vida na Terra tem de enfrentar neste fim de século. Que esta não seja a última oportunidade para nossos jovens - cidadãos do futuro, aprenderem a admirar, amar e defender a beleza e a exuberância da fauna brasileira. É essa responsabilidade ecológica que fará de cada um de nós os guardiões e defensores do meio ambiente e da qualidade de vida neste planeta Terra.